

EDITORIAL

A propósito da necessidade de novas fontes naturais de energia

O problema do crescimento das necessidades de energia em face do desenvolvimento progressivo dos consumos, tem sido largamente equacionado e, na actualidade, (com vista a conjunturas que decorrerão depois dos primeiros decénios do próximo século) perspectiva lógica perturbação em relação às exigências da humanidade, se forem avaliadas pelos índices expansionistas da procura, características da nossa época.

É evidente que o inventário das fontes de energia disponíveis, agora e em futuro próximo, para utilização técnica e economicamente viável perante a diversidade e expansão dos consumos, terá necessariamente de se subordinar aos conhecimentos conquistados hoje pela ciência e pela acção das sociedades humanas, porfiadas em alargar o âmbito do aproveitamento de eventuais novas fontes naturais energéticas e em relacionar reservas e meios de exploração capazes de utilização viável de potenciais conhecidos e disponíveis na Natureza.

Nos decénios, que irão seguir-se, é provável que a premência das necessidades impostas pelo desenvolvimento conduza a espectaculares e previsíveis descobertas no campo do aproveitamento de novas fontes de energia, naturalmente propícias a transformações promotoras do seu desejado aproveitamento.

Também pode acontecer que, dentro de alguns anos, a humanidade tenha atingido os valores máximos e possíveis do seu desenvolvimento material e que os consumos venham a decrescer inopinadamente, arrastados pelo regresso de vida das sociedades humanas por força do declínio da nossa Civilização, impulsionada e vivida na idade contemporânea.

É óbvio que o problema equacionado se apoia em premissas e conhecimentos que qualificam a conjuntura na actualidade. Se se transformarem os parâmetros da equação, se se vier a andar para trás ou para a frente, nas medidas dos valores

teóricos e de aplicação alcançados hoje, as raízes daquela mesma equação apenas perspectivam especulações sem sentido prático. Mas não há legitimidade para adivinhações optimistas ou para previsões antecipadas do que pode vir a acontecer de mal ou bem no futuro imediato.

O enunciado que inicia o presente editorial fundamenta-se apenas na Estatística, que é, por ora, ciência exacta.



Quando se enuncia o problema da necessidade de aproveitamento da diversidade das várias fontes naturais de energia, em termos de se fazer face à premência crescente dos consumos, destaca-se no âmbito das realidades do nosso século, a energia hidráulica, fonte ainda prestigiada de energia eléctrica e preponderante suporte da oferta perante as exigências dos consumos.

Abordando este tema, não se pode, portanto, evitar a referência especial aos aproveitamentos hidroeléctricos como fonte essencial da energia que abastece e abastecerá o mundo. Por outro lado, as bacias hidrográficas, em termos da sua localização geográfica, estão muito longe ainda da uniformidade, relativa ao aproveitamento dos seus potenciais energéticos.

Há grandes zonas da terra cujas águas superficiais são quase totalmente conduzidas para a transformação dos seus potenciais energéticos, enquanto bacias hidrográficas, abrangendo enormes regiões, são ainda largamente promissoras de novos e largos meios disponíveis da produção mundial.

Em redor da terra, observamos, nestes aspectos, escalas de saturação das bacias hidrográficas que vão do máximo (onde já não sobeja nada de energia para transformar) até nada ou quase, (onde sobeja tudo).

A aproximação dos grandes centros de consumo de energia, são passos que se desenham no planeamento dos abastecimentos de energia no futuro: são os grandes consumos de electricidade que se virão a situar junto das grandes centrais e será o desenvolvimento da técnica dos grandes transportes de energia a distâncias inusitadas.



Não se deve abordar o tema das grandes reservas de energia potencial sem referir o que se detecta em Moçambique.

O aproveitamento da energia hidráulica do Zambeze, em Cabora Bassa, permitindo a utilização da potência previsível da ordem de 3 600 000 kW está em plena realização e a primeira central produzirá energia eléctrica por todo o ano de 1975.

É neste propósito que, apoiados em publicação oficial relativamente recente, nos permitimos chamar a atenção dos nossos leitores para a apreciação do conjunto das bacias hidrográficas das várias regiões do território, onde, em seis dezenas de aproveitamentos de realização possível, se perspectivam potências instaláveis que somam mais de 11 milhões de quilowatts.

Outros recursos energéticos em potencial apoiam no Estado Português de Moçambique as

reservas nacionais, para os decénios vindouros, no que respeita a fontes naturais de energia.

As reservas já conhecidas em recursos carboníferos, estimados com larga segurança, andam por 154 milhões de toneladas.

Os jazigos de gás natural, todavia, já detectados nos distritos de Inhambane e de Manica e Sofala, constituem manancial de energia natural que acorre também na estrutura energética moçambicana.

O poder calorífico do gás metano detectado, por exemplo, no jazigo de Pande anda por 8900 quilo-calorias, por metro cúbico.

Nada se anotará, por ora, em relação a Moçambique quanto ao que se passa no sector das reservas petrolíferas e a respeito dos estudos e pesquisas de minérios radioactivos em franco desenvolvimento.

Que podemos concluir?

Os grandes centros industriais utilizadores de energia virão, nas primeiras décadas do ano 2000 a deslocar-se em direcção às fontes de energia por essa época ainda disponíveis. No que respeita aos nossos territórios, a actividade das grandes indústrias nacionais largará do Tejo, em boa hora, com rumo ao ultramar.



F. A.